

A CRÍTICA INTEGRADORA DE ANTONIO CANDIDO (NOTA SOBRE “DE CORTIÇO A CORTIÇO”)

EDU TERUKI OTSUKA*

* Mestrando em Teoria
Literária e Literatura
Comparada na USP.

RESUMO: Antonio Candido tem evitado a teorização pura, bem como as análises apenas descritivas, preferindo apresentar o estudo minucioso de obras particulares, no qual é possível, entretanto, identificar questões teórico-metodológicas mais gerais que norteiam sua crítica. Este trabalho procura comentar o ensaio “De cortiço a cortiço”, enfocando algumas dessas questões.

PALAVRAS-CHAVE: Antonio Candido; Literatura e sociedade; Crítica marxista; Formalização estética.

O meu propósito é fazer uma crítica integradora, capaz de mostrar (não apenas enunciar teoricamente, como é hábito) de que maneira a narrativa se constitui a partir de materiais não literários, manipulados a fim de se tornarem aspectos de uma organização estética regida pelas suas próprias leis...

ANTONIO CANDIDO¹

⁽¹⁾ Prefácio a *O Discurso e a Cidade*. São Paulo, Duas Cidades, 1993.

A relação entre literatura e sociedade sempre foi uma das preocupações de Antonio Candido, e certamente é uma das questões principais da crítica

literária de inspiração marxista. A consideração de elementos extraliterários foi, e tem sido, matéria de controvérsia entre diferentes correntes teóricas, e o fato é que, quando ocorre, o dado externo muitas vezes permanece externo, não sendo integrado à interpretação de maneira satisfatória. Tentaremos aqui observar como Candido procura resolver o problema.

Escapando, por um lado, à crítica naturalista e, por outro, ao modelo reflexionista do marxismo vulgar, Antonio Candido apresentava, na década de 1960, seu conceito de *estruturação*, ou seja, o processo por meio do qual o dado externo (o social ou o psicológico) torna-se um elemento interno, na medida em que desempenha certo papel na ordenação da obra. Os dados sociais poderiam ser, então, estudados não apenas como tema ou enquadramento, mas como fatores artísticos, já que participam da organização interna da obra.² Candido visava assim um estudo estético da obra literária capaz de abarcar os fatores externos, não na qualidade de documento, mas como elementos construtivos concretos; daí o interesse em observar, além da estrutura, o próprio processo estruturador. A continuidade dessas idéias é evidente no que chamou depois *redução estrutural* ou *formalização estética* dos dados externos: “o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma”.³ Esta visada crítica capaz de integrar um enfoque histórico-social a uma análise minuciosa dos elementos literários é exemplar nos ensaios da década de 1970, entre os quais se encontra “De cortiço a cortiço”,⁴ que passamos a observar.

Nesse ensaio Antonio Candido analisa *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. Inicia pelo problema das fontes, comparando o romance a *L'Assomoir* (1877), de Émile Zola, que Aluísio tomou como modelo, e aponta semelhanças de tema e motivos nas duas obras, bem como as diferenças na composição. O interesse maior de nosso crítico recai sobre as últimas, devidas às condições locais que exigiam do escritor brasileiro uma adaptação do modelo importado. Ambos os romances tratam de trabalhadores pobres que vivem numa habitação coletiva, mas enquanto em *L'Assomoir* a figura do explorador aparece de maneira apenas acessória, no romance de Aluísio ela coexiste com a do explorado, tornando-se eixo da narrativa. Esse contato entre o capitalista e o trabalhador n' *O Cortiço*, que narra a ascensão socioeconômica de João Romão, tinha seu fundamento num dado da realidade imediata: a lógica da acumulação num país cuja economia ainda se baseava no regime da escravidão, o que implicava a exploração direta do trabalhador. E o ritmo dessa acumulação semiprimítiva do capital é tomado como eixo da composição ficcional.

Curiosamente, Candido passa então a analisar um dito popular, corrente no Rio de Janeiro de fins do século XIX (a saber, “Para português, negro e burro, três pês: pão para comer, pano para vestir, pau para trabalhar”), e se afasta, pelo menos na aparência, da análise propriamente estética, contrariando assim o que as teorias da interpretação centrada no texto recomendam. Buscando as camadas de sentido ocultas do dito preconceituoso, nosso crítico mostra que ele envolve uma confusão sociológica: uma equiparação do homem ao animal, sendo o homem, no caso, o trabalhador; noutras palavras, o dito envolve uma óptica de classe, e expressa uma ideologia por meio de um jogo verbal. Antonio Candido identifica ainda seu emissor latente: o “brasileiro livre daquele tempo com tendência mais ou menos acentuada para o ócio, favorecido pelo regime de

(2) Ver Antonio CANDIDO, “Crítica e sociologia”, in *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*, 5ª ed., São Paulo, Nacional, 1976, p. 3-15. Ver também Roberto SCHWARZ, “Antonio Candido (um verbete)”, *Revista USP*, n. 17, p. 176-9, mar./abr./maio 1993; e entrevista de A. Candido a Beatriz Sarlo, *Punto de Vista*, Buenos Aires, ano 3, n. 8, p. 5-9, mar./jun. 1980.

(3) Antonio CANDIDO, Prefácio a *O Discurso e a Cidade*, São Paulo, Duas Cidades, 1993, p. 9. Ver também “Dialética da malandragem”: “Na verdade, o que interessa à análise literária é saber, neste caso, qual a função exercida pela realidade social historicamente localizada para constituir a estrutura da obra, — isto é, um fenômeno que se poderia chamar de formalização ou redução estrutural dos dados externos” (A. CANDIDO, “Dialética da malandragem”, in *O Discurso e a Cidade*, *op. cit.*, p. 32-3).

(4) A. CANDIDO, “De cortiço a cortiço”, in *O Discurso e a Cidade*, *op. cit.*, p. 123-52. No que segue, apoiamos-nos no estudo de Roberto SCHWARZ, “Originali-

dade da crítica de Antonio Candido”, *Novos Estudos CEBRAP*, n. 32, p. 31-46, mar. 1992, que privilegia a análise sociológica em Candido. Esta decerto não é a única faceta de nosso crítico (ver, sobre o estudo de aspectos psicológicos na obra de Candido, João Luiz LAFETÁ, “A dimensão da noite”, in *Dentro do Texto, Dentro da Vida: Ensaio sobre Antonio Candido*, org. Maria Angela D’Incao e Eloísa Faria Scarabôto, São Paulo, Companhia das Letras / Instituto Moreira Salles, 1992, p. 205-12). Nossa ênfase sobre o social decorre em parte do próprio ensaio analisado, mas também por preferência pessoal, no que esperamos não tirar o espírito de Candido: “Uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou lingüística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzir a uma interpretação coerente. Mas nada impede que cada crítico ressalte o elemento da sua preferência, desde que o utilize como componente da estruturação da obra” (A. CANDIDO, “Crítica e sociologia”, *op. cit.*, p. 7).

(5) A. CANDIDO, “De cortiço a cortiço”, *op. cit.*, p. 129.

(6) O termo *homologia* não é usado por Antonio Candido, mas nosso “lapso” é proposital, pois o procedimento de Candido faz lembrar o estruturalismo genético de Lucien Goldmann, que visava mostrar de que maneira a visão de mundo de um grupo social se articula à estru-

escravidão, encarando o trabalho como derrogação e forma de nivelar por baixo, quase até a esfera da animalidade”.⁵

Neste ponto, Candido retoma o romance e aponta uma espécie de homologia entre o ponto de vista do emissor do dito e a perspectiva narrativa do romance; ou melhor, percebe que aquele dado externo, o ponto de vista do emissor do dito, é, n’*O Cortiço*, um elemento interno, estruturador, que anima o enfoque narrativo do romance.⁶ Note-se que se trata de um elemento formal, construtivo, que não é temático e, portanto, não é dado explicitamente pelo romance; sua identificação só foi possível por meio da reconstrução do processo de formalização estética a que já nos referimos. A observação do social serve assim para a melhor descrição de um elemento da configuração interna da obra; e percebemos que a ligação entre o social e o literário se encontra, para Antonio Candido, na forma.⁷

Aqui, um ponto crucial para a crítica de orientação sociológica. No dizer de Roberto Schwarz, trata-se de uma idéia social de forma, “um princípio mediador que organiza em profundidade os dados da ficção e do real, sendo parte dos dois planos”,⁸ uma “forma objetiva, capaz de pautar tanto um romance como uma fórmula insultuosa, um movimento político ou uma reflexão teórica”.⁹ A forma, nesse sentido, constitui um modo de organização da experiência, dos dados da realidade e da ficção, dos significados disponíveis; é produzida pelo próprio processo social, sem ser necessariamente conhecida de modo consciente pelas pessoas (inclusive o romancista), embora envolva práticas sociais e hábitos mentais de uma sociedade ou de uma classe; e, mais importante para nosso trabalho em estudos literários, a forma social faz parte dos materiais que o escritor trabalha e ordena na produção da obra.

Como se vê, o que está em jogo é a dialética de processo social e forma literária, questão cara à tradição do marxismo ocidental, da qual a crítica madura de Antonio Candido é em parte tributária.¹⁰ Ao mostrar a pertinência do estudo do ditado popular para a compreensão de aspectos ocultos da obra, nosso crítico acaba revelando um conteúdo ideológico implícito no enfoque narrativo d’*O Cortiço*. É o que hoje se poderia chamar leitura do inconsciente político do romance.¹¹ Mas, não obstante a força desmistificadora da análise, o propósito principal de Candido não é o desmascaramento daquela ideologia. Novamente, é Schwarz quem indica: “a tônica do ensaio não está na identificação de uma ótica de classe [...] A pergunta é outra: qual o rendimento literário daquele enfoque?”.¹² A partir daí, Candido passa a estudar a organização interna da obra, visando esmiuçar a manipulação estética do elemento externo e mostrar suas conseqüências literárias.

Antonio Candido afirma que o dito serve de introdução ao universo das relações humanas d’*O Cortiço*. Observando a configuração objetiva do texto, aponta a presença de dois tipos de relações, uma pautada na nacionalidade (brasileiro x português), e outra na etnia (branco x negro) — exatamente como os dois primeiros figurantes do dito. Mas nosso crítico percebe que, no romance, os portugueses são de dois tipos: os que vencem e os que são vencidos, enquanto os brasileiros são sempre vencidos. De maneira semelhante, há brancos que exploram e que são explorados, enquanto os negros e mestiços são todos explorados. Daí conclui que as oposições “português x brasileiro” e “branco x negro” não encobrem toda a problemática posta pela própria obra, e que na

verdade a oposição fundamental é entre ricos e pobres, de forma que, no romance, “branco” e, especialmente, “português” designam o rico; e “negro” remete principalmente ao trabalhador, não importando qual seja a cor de sua pele.

É evidente a vantagem desta abordagem sobre o método estruturalista, que costuma estabelecer oposições binárias rígidas, por vezes insuficientes.¹³ Candido indica ainda a presença de um elemento que equipara todos os membros das oposições que identificou, tornando-as mais uma vez problemáticas; trata-se da animalidade, presente no romance de acordo com o programa naturalista que via o homem, português ou brasileiro, branco ou negro, pobre ou rico, como animal. E observa que há outro sentido da animalidade que não é o da redução fisiológica dos naturalistas, mas um sentido social, ligado a uma relação de trabalho em que o homem é economicamente tratado como animal, pela necessidade de vender sua força de trabalho.

A pertinência do estudo do dito se revela aqui com maior clareza, pois a conclusão de Candido acerca do ditado remete diretamente ao romance:

o desdobramento do dichote mostra que, afinal de contas, dos figurantes a que caberiam os três pês, o português não é português, o negro não é negro e o burro não é burro. Em plano profundo, trata-se de uma trinca diferente, pois na verdade estão em presença: primeiro, o explorador capitalista; segundo, o trabalhador reduzido a escravo; terceiro, o homem socialmente alienado, rebaixado ao nível do animal.¹⁴

Para mostrar de que maneira a acumulação do capital está presente no eixo composicional da obra, Antonio Candido aponta como elemento ordenador uma “dialética do espontâneo e do dirigido”, o primeiro correspondendo ao crescimento como que “natural” do cortiço (capítulos iniciais do romance) e o segundo, à reconstrução organizada do cortiço após o incêndio (cap. XIX-XX); faz isso por meio da observação do contraste de imagens empregadas pelo escritor: imagens orgânicas, no primeiro caso, e mecânicas, no segundo. Espontâneo e dirigido não são tomados como categorias antagônicas estáticas, mas como elementos dinâmicos de um processo sugerido pelo texto: um movimento do primeiro para o segundo, e o predomínio progressivo do dirigido, do projeto racional, afina-se com o próprio ritmo da acumulação.

No que se refere ao elemento topológico privilegiado, o cortiço, Candido reconhece a presença de um nível alegórico no romance, que permitiria a leitura do cortiço como alegoria do Brasil. Aqui, outra diferença em relação a Zola: enquanto *L'Assomoir* representa o modo de vida de apenas uma camada social (a do operário), o romance de Aluísio representa aspectos que definem o país como um todo, tal como era visto na perspectiva do naturalismo determinista que se baseava em categorias como meio e raça.¹⁵ O meio, no romance, é a natureza física que condiciona o grupo e os comportamentos; mas nosso crítico, que não usa a obra apenas para ilustrar as teses do programa naturalista, identifica um aspecto não previsto: o caráter simbólico que a representação da natureza adquire, tendo como símbolo máximo o Sol, assim como a presença desse aspecto na figura de Rita Baiana, espécie de Iracema naturalista, que conduz o abasileiramento de Jerônimo. Assim, a natureza é, n' *O Cortiço*, real e simbólica ao mesmo tempo.

Movimento contrário e complementar ao condicionamento do meio sobre a raça é o do projeto racional da empresa capitalista de João Romão. O portu-

tura da obra literária, por meio da observação de relações estruturais e não da leitura conteudística. No entanto, as diferenças devem ser enfatizadas, porque Candido não só observa o efeito de uma visão de mundo atuando sobre a obra, como também o estudo no nível da fatura, podendo assim identificar sutilezas e contradições da obra que escapam à simetria algo mecanicista dos esquemas do crítico romeno. Ver Lucien GOLDMANN, *Sociologia do Romance*, trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967; Terry EAGLETON, *Marxism and Literary Criticism*, Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1976, p. 32-4; e A. CANDIDO, “Crítica e Sociologia”, *op. cit.*

(7) Vale lembrar uma observação de nosso crítico: “Pelo seu estatuto ambíguo, a literatura tem um aspecto ligado a certas formas de conhecimento, e outro de pura exibição da forma. Talvez o importante não seja tanto estar de um lado ou de outro, mas saber por onde começar a fim de conhecer. *Acho que é melhor sempre partir das formas, porque delas é possível chegar ao que a literatura é como conhecimento*” (entrevista à revista *Trans/Form/Ação*, reproduzida em Antonio CANDIDO, *Brigada Ligeira e Outros Escritos*, São Paulo, Ed. Unesp, 1992, p. 242; grifo nosso).

(8) Roberto SCHWARZ, “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética

da malandragem”, in *Que Horas São?*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 141.

(9) *Idem*, “Originalidade da crítica de Antonio Candido”, *op. cit.*, p. 35.

(10) Notem-se entretanto as ressalvas feitas a Lukács neste ensaio, bem como em “Degradação do espaço”, in *O Discurso e a Cidade*, *op. cit.*, p. 55-94. Sobre a filiação da crítica de Candido ao marxismo ocidental, ver Ricardo MUSSE, “Duas ou três coisas sobre Antonio Candido”, *Trans/Form/Ação*, n. 18, p. 43-50, 1995.

(11) Como se sabe, o conceito de inconsciente político foi apresentado por Fredric JAMESON em seu *The Political Unconscious: Narrative as a Socially Symbolic Act*, Ithaca, N.Y., Cornell University Press, 1981. Para o teórico norte-americano, uma das principais missões do crítico marxista seria a identificação e o mapeamento dos “ideologemas” nas obras literárias. Isto é dito para sublinharmos mais uma diferença da posição de Candido em relação a outros críticos que visam a relação entre literatura e sociedade. Cabe citar aqui a seguinte observação de nosso crítico: “o próprio texto vem carregado de ideologia, como condicionamento da sua produção. O importante para o teórico e o crítico é que isto não seja erigido em critério de valor, embora possa ser usado como elemento de identificação e análise” (A. CANDIDO,

guês dominador supera o meio, resistindo às tentações da terra, explora Bertoleza e outros habitantes do cortiço, aproveitando-se das circunstâncias que impunham aos outros a pobreza. Percebe-se aqui que a dialética do espontâneo e do dirigido não se limita à evolução do cortiço, mas atua em níveis mais amplos da obra, como verdadeiro princípio ordenador.

Cabe lembrar ainda que o olho agudo de Candido não deixa escapar uma contradição fundamental do livro: a massa dominada era representada, de acordo com o pensamento da época, como a raça inferior, portanto desprezível; no entanto, o explorador estrangeiro também é representado como uma figura detestável. Talvez tenha sido a percepção desse nó que permitiu a nosso Crítico identificar o sentido político implícito do romance, para além das intenções do próprio autor, pois “n’ *O Cortiço* há pouco sentimento de injustiça social e nenhum da exploração de classe, mas nacionalismo e xenofobia [...] Daí uma espécie de luta entre raças e nacionalidades, num romance que não questiona os fundamentos da ordem”.¹⁶

No nível estilístico, Antonio Candido observa as implicações da redução fisiológica e do temário sexual do naturalismo, que resultam numa ampliação tanto dos motivos tratados quanto do vocabulário literário, que passou a abranger o que na época era considerado feio e baixo, ou seja, não literário; e indica inclusive um avanço, nesse sentido, de Aluísio em relação a Zola. Embora apon-te as falhas da visão naturalista, hoje exemplo de ideologia, nosso crítico reconhece-lhe a força desmistificadora que então possuía.

Por fim, Candido retoma mais uma vez a comparação entre *O Cortiço* e *L’Assomoir*, alertando o leitor para a importância do estudo das mediações, que interferem na relação entre a realidade e a elaboração ficcional. Além disso, torna-se claro que nenhuma abordagem simplista dá conta de todos os aspectos envolvidos, pois a representação objetiva do real, palavra de ordem do naturalismo, é problematizada pelo fato de o escritor brasileiro ter-se inspirado em Zola, bem como pela presença do símbolo; por outro lado, a simples noção de cópia também é insuficiente, posto que as condições locais exigiam de Aluísio a representação do Brasil como intermediário, conferindo ao cortiço um cunho alegórico. Daí a conclusão de nosso Crítico, que vê a relação entre os textos, ao mesmo tempo, de liberdade e de dependência: “Essa necessidade de representar o país por acréscimo, que não se impunha a Zola em relação à França, diminui o alcance geral do romance de Aluísio, mas aumenta o seu significado específico”.¹⁷ De um cortiço a outro, correm linhas intrincadas cujos nós o ensaio de Candido examina.

Resta esclarecer que o comentário que ora apresentamos vem recheado de paráfrase com o intuito de dar a dimensão da complexidade do ensaio de Antonio Candido, cuja escrita marcada pela simplicidade pode iludir o leitor desprevenido. Esta complexidade se deve ao próprio rigor da análise, que procura abranger o máximo, e não se limita a uma única perspectiva crítica, nem a um modelo teórico consagrado. Resumindo, Antonio Candido parte do dado externo para uma análise da problemática formal, iniciando por uma leitura política articulada ao estudo do foco narrativo, passando pela análise do eixo composicional, das imagens, do símbolo e do teor alegórico, chegando até o estudo estilístico, sem negligenciar a observação de personagens secundárias. Ao utilizar o elemento externo como elemento estrutural, volta-se para as questões da fatura, e visa mostrar de que maneira se dá a formalização estética do dado social

identificado no plano da realidade, atentando para as mediações em jogo. Dessa forma, descrição e interpretação da obra andam juntas, de maneira coerente, abrangente e reveladora.

Houvesse ainda necessidade de enumerar as virtudes daquele ensaio, apontaríamos: o enfoque comparativo inicial, que permite observar a literatura brasileira como parte integrante de um sistema mais amplo, o da literatura ocidental, sem desqualificá-la como mera cópia, ao mesmo tempo que permite a definição das particularidades do caso brasileiro; a abrangência do golpe de vista, que propicia uma visão totalizante, capaz de articular o pormenor das contradições, a forma literária e o processo social de maneira coerente e cheia de implicações (literárias e sociológicas); a variação constante da perspectiva, que procura adequar-se a seu objeto, respeitando as características da obra tomada em si; a minuciosidade da análise, que reconhece o peso do condicionamento da realidade sobre a elaboração ficcional, e visa fundamentalmente estudar o resultado, o próprio texto, descrevendo a configuração interna da obra; e por fim o valor propriamente hermenêutico do ensaio, que revela camadas de sentido ocultas, até então inexploradas, renovando a visão da obra estudada. Assim se manifesta a força da visada crítica de nosso Observador Literário, cujo ensaio é exemplo de análise interpretativa para a crítica marxista e para toda crítica que se queira integral.

entrevista à *Trans/Form/Ação*, *op. cit.*, p. 240).

- (12) R. SCHWARZ, "Originalidade da crítica de Antonio Candido", *op. cit.*, p. 40.
- (13) A evidência que alegamos talvez esteja menos em nossa explicação do que noutro texto do próprio CANDIDO, "A passagem do dois ao três: Contribuição para o estudo das mediações na análise literária", *Revista de História*, n. 100, p. 787-800, out./dez.1974.
- (14) A. CANDIDO, "De cortiço a cortiço", *op. cit.*, p. 134.
- (15) Para uma visão da teoria da mestiçagem segundo o cientificismo que orientava os intelectuais brasileiros de fins do século XIX, cf. Antonio CANDIDO, *O Método Crítico de Sílvio Romero*, 3ª ed., São Paulo, Edusp, 1988.
- (16) A. CANDIDO, "De cortiço a cortiço", *op. cit.*, p. 131.
- (17) *Idem, ibidem*, p. 152.

ABSTRACT: Antonio Candido has been avoiding pure theorization as well as simply descriptive analyses, and has preferred to present the meticulous study of particular works, in which, however, one may identify more general theoretical and methodological issues which guide his criticism. This paper attempts to comment his essay "De cortiço a cortiço", by focusing on some of those issues.

KEYWORDS: Antonio Candido; Literature and society; Marxist criticism; Aesthetic formalization.

Texto elaborado para a disciplina *Métodos e Técnicas de Análise e Interpretação da Obra Literária*, ministrada pelo Prof. Dr. Davi Arrigucci Jr. no 1º semestre de 1996.